

# Para onde vamos?

*Praticamente todas as religiões classificam a morte como um rito de passagem.*

*A divergência está em onde o espírito vai parar depois que deixa o corpo*

MARIANA DUARTE, JOANA FARO, RAFAEL GUIMARÃES E RAFAEL LIMA

National Geographic



**E**m geral, as religiões funcionam assim: tudo o que o homem fizer em vida pode ser usado a favor ou contra ele após a morte. É praticamente como uma lei de mercado, onde o fiel segue à risca alguns mandamentos para, em troca, garantir um bom lugar

para sua alma depois que ela deixar seu corpo.

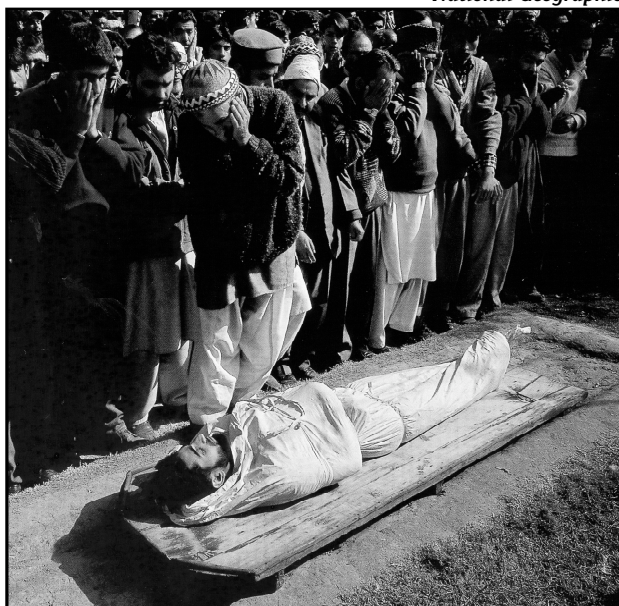
A grande maioria das religiões cristãs, por exemplo, defende que bons espíritos seguem direto para a tranquilidade do paraíso, aquele mesmo que Adão e Eva desperdiçaram em busca do desconhecido. Já os maus vão para o tormento do inferno, cujo maior castigo é ficar longe da companhia

de Deus. O resultado da futura moradia depende da fidelidade dos homens às leis pregadas pela Igreja, como amor a Deus, fraternidade, justiça e solidariedade.

O islamismo promete um ótimo lugar para quem se comportar bem por aqui, seguindo os ensinamentos de Alá e dos profetas – entre eles, Noé, Abrão, Moisés, Jesus e Muhammad. Os profetas e os mártires têm acesso direto ao paraíso, enquanto os outros passam pelo julgamento de Alá. Quem for inocente encontra sombra, água potável, vinho, mel e ainda ganha a companhia de belas mulheres de olhos brilhantes, as “uris”. Já os culpados são lançados ao inferno, lugar com fogo ardente, onde as pessoas são castigadas constantemente. Lá, a divisão é feita em sete partes: seis reservadas aos infiéis e uma aos mulçumanos. Não se sabe, somente, para onde vão as mulçumanas depois da morte. Alguns teólogos do islamismo defendem até que elas nem sequer alma espiritual têm e, portanto, não teriam vez em outras vidas.

Já o judaísmo pouco discute o que vem depois da morte e aceita múltiplas interpretações sobre o tema. Há vertentes que acreditam em um paraíso, parecido com o da maioria das religiões cristãs. Outras crêem em reencarnação e há aquelas que pensam não existir vida após a morte. Todas, porém, confiam na imortalidade da alma e têm uma série de rituais para preservar o corpo na hora da morte. Exemplos como cobri-lo imediatamente, em sinal de respeito, e fechar os olhos do morto o mais rápido possível, para evitar que o homem observe as coisas mundanas ao mesmo tempo em que está usufruindo o encontro com Deus.

– Para judeus ortodoxos, a noção de vida após a morte é uma declaração da crença na vinda de Messias, que ressuscitará fisicamente os mortos. Para os judeus liberais, por outro lado, a idéia é mais figurativa do que literal: existe a terra dos vivos e existe a terra dos mortos. A ponte entre elas é a recordação. O homem morre e é enterrado, mas seu espírito permanece eternamente vivo nos pen-



*O corpo é a morada da alma para a maioria das religiões*

samentos e nos atos dos que ficam – interpreta o rabino Henry Sobel, presidente do rabinato da Congregação Israelita Paulista.

### Transfusão x ressurreição

A flexibilidade observada no judaísmo é bem diferente da rígida doutrina das Testemunhas de

Jeová, que se definem como representantes do cristianismo primitivo, respeitando, quase ao pé da letra, as escrituras da Bíblia. A princípio, eles divergem da maioria dos religiosos e dizem que não há paraíso nem tampouco inferno. A morte é o ponto final da existência da alma porque, tendo herdado o pecado de Adão, os

homens não merecem coisa melhor: “sai-lhe o espírito, ele volta ao seu solo; neste dia perecem deveras os seus pensamentos”, dizem, repetindo o Salmo 146.

Isso, porém, se dá até que a Terra seja dominada pelo Reino de Deus o que, segundo eles, está próximo de acontecer. A partir daí, os escolhidos vão levantar de seus túmulos e voltar a viver. Até lá, suas almas se mantêm completamente inconscientes.

O medo de não receberem a graça da volta à vida faz com que as Testemunhas de Jeová abram mão da transfusão de sangue mesmo em casos ex-

**Há crianças  
rejeitadas pelos pais  
depois de fazerem  
transfusão de  
emergência**



*Para a tradição judaica o espírito permanece vivo*

tremos, ainda que o procedimento seja indicado pelos médicos. Os fiéis têm até representantes em hospitais para mostrar formas alternativas de tratamento e, assim, evitar que seu sangue se misture com o de outra pessoa. “Impuros”, eles perderiam o direito de serem escolhidos para a ressurreição. Doar órgãos, por isso, também é algo fora de cogitação.

– As Testemunhas de Jeová querem apenas o cumprimento de uma ordem divina, dada a todos – justifica Lea Meneguette, uma dentre os quatro milhões de seguidores da religião em todo o mundo.

Apesar disso, uma resolução de 1980 do Conselho Federal de Medicina respalda a transfusão de sangue, independentemente de consentimento do paciente ou de seus responsáveis, se houver perigo à vida. Já se o risco não for imediato, recomenda-se ao médico consultar o paciente.

– A obrigação do médico é salvar a vida. Mesmo porque, se não fizer, pode até perder o registro no Conselho Regional de Medicina. O paciente pode entrar na justiça depois, mas, na hora, qualquer médico tem que fazer a transfusão – afirma uma professora adjunta de clínica médica da Faculdade de Medicina da UFRJ, que preferiu não se identificar.

Ela lembra que a transfusão freqüentemente revolta a maioria dos pacientes e dos parentes que são Testemunhas de Jeová. Eles afirmam preferir a morte a se submeter ao tratamento.

– Eles se sacrificam o tempo todo para terem direito à ressurreição. Então, se perdem este direito,

ou se o filho deles perde isso, nada valeu a pena. Há casos de crianças que são rejeitadas pelos pais depois de fazerem alguma transfusão de emergência. Os pais a entregam para o médico criar, porque aquela criança já está perdida, não tem mais como viver com a família, na visão deles. Se o médico condenou o filho deles, ele que termine de criá-lo – relata a médica.

## Reencarnações

Enquanto as Testemunhas de Jeová esperam pelo Reino de Deus para recuperarem a vida, os espíritas defendem a reencarnação contínua como forma de buscar o crescimento da alma. A base da doutrina é *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, todo psicografado com depoimentos de almas com alto grau de evolução.

No espiritismo, a morte não é vista como o fim de tudo, mas apenas como uma mudança de dimensão. O caminho da alma (de via única, em nome do crescimento) começa na pedra e chega ao homem, passando pelos reinos vegetal (onde o espírito começa a perceber sensações) e animal (onde ele demonstra princípios de inteligência). Mesmo em diferentes corpos, elas preservam uma série de detalhes de sua personalidade, preferências e aquisições morais.

Quando não ocupa nenhum corpo, a alma vai para um plano espiritual, que esteja de acordo com sua evolução, e permanece lá por um período variável. O próprio espírito pode determinar quanto tempo pretende ficar desencarnado. Por vezes, ele é capaz, inclusive, de decidir vagar pela Terra para estudar ou trabalhar. Segundo a doutrina, estas almas são responsáveis por iluminar outras que, no momento, estão encarnadas. Por isso, aquela inspiração que surge de repente, aquela idéia que aparece do nada pode, na verdade, ser uma dica de um espírito que esteja ao seu lado, soprando tudo em seu ouvido.

A doutrina espírita guarda muitas semelhanças com o budismo. De acordo com o *Livro tibetano da morte*, existem 49 etapas, ou 49 dias, após a morte. Neste período, os monges oram para que as pessoas atinjam a Terra Pura – lugar de paz, tranquilidade e sabedoria iluminada – ou reencarnem em níveis superiores. As voltas dependem do carma (uma



espécie de histórico que os homens carregam de suas ações em vidas passadas) de cada um. Ao contrário do espiritismo, porém, o budismo acredita que é possível que um homem reencarne no corpo de um animal, dependendo do que ele fez em vidas passadas. A filosofia é muito parecida com a dos Hare Krishnas, que também crêem em uma alma que passa por vários corpos, carregando carmas e buscando o crescimento.

A reencarnação também é aceita na religião Wicca. Nela, a morte não é tratada como o fim, mas como um acontecimento natural. Quando uma pessoa desencarna, vai para a Terra do Verão, que só existe no plano astral, onde fica por tempo indeterminado, até se “libertar” e retomar o material que a alma carrega vida após vida. Segundo a bruxa Liane Laars, essa crença é seguida pelos wiccanos da linha celta. Nesse mesmo grupo, alguns acreditam que características individuais são mantidas pelas almas nas reencarnações e outros acham que elas se perdem pelo caminho.

– Todo wiccano acredita no “Eterno Retorno”, ou seja, acredita que há outras vidas após a morte, mas existem diversas formas de se acreditar nisso. A reencarnação é uma delas, onde a pessoa não perde sua individualidade, onde os *déjà vu* são acontecimentos de vidas passadas – explica Liane. – O renascimento também é outra forma, onde a essência de cada pessoa é misturada à essência de todas as outras que não estariam mais nesse plano, onde todos voltariam ao caldeirão da Grande Mãe, perdendo a individualidade. Nesse caso, os *déjà vu* seriam lembranças da vida de qualquer pessoa que já tenha existido, como uma espécie de inconsciente coletivo – conclui a bruxa.

Apesar das divergências, a morte é sagrada para os wiccanos, que preparam um ritual para celebrá-la, chamado Réquiem. Nele, os bruxos relembram todas as coisas boas que o morto trouxe para a vida, dançam e comem sua comida favorita. A roupa é sempre branca, pois a Deusa da Face Pálida é a senhora da morte e, segundo a tradição, a cor branca representa o “além”.

Este outro mundo, aliás, é constantemente visitado por adeptos do Santo Daime, religião nascida no início do século passado, na Floresta Amazônica. Para vivenciar fenômenos paranormais, como a regressão a vidas passadas e o contato com espíritos de seus antepassados, os fiéis tomam uma bebida chamada Ayahuasca. Consumido em praticamente todos os rituais do Daime, ela é resultado da mistura do cipó Jagube e da folha Rainha e tem efeitos alucinógenos. Por isso, não é aconselhável para deficientes mentais ou pessoas que tenham passado por traumas recentes, porque pode trazer más lembranças. Além disso, a bebida é capaz de causar vômitos, diarreia e até o sentimento de “morte súbita”. Somente neste ano o consumo do chá foi admitido pelo Conselho Nacional Anti-drogas (Conad), exclusivamente para fins religiosos.


Segundo Francisco Schnoor, adepto da religião,

tomar o chá significa entrar em contato com o “eu espiritual”, portanto, o uso de bebidas alcoólicas ou qualquer outra droga podem influenciar o efeito da bebida. Existem, inclusive, casos de morte após o ritual.

– Houve o caso de um menino em Mauá que se jogou na fogueira e outro que cometeu suicídio em Mapiá. Disseram-me que

ele usava drogas antes de tomar a Ayahuasca. Certamente, o Daime mexe muito com a pessoa, interfere bastante no cérebro. Muita gente toma o chá para “ver fadinhas”, enquanto que o objetivo é se espiritualizar e melhorar a vida. Eu tenho certeza que até agora a religião me ajudou bastante, mas não posso negar que não seja incomum pessoas morrerem – afirma Francisco.

As pessoas que seguem essa religião acreditam que “a morte é uma mentira que a matéria quer provar”, ou seja, o espírito continua vivo e apenas o corpo morre. Para Francisco, a morte significa o fim de uma etapa da vida na Terra. O espírito continua a evoluir, preparando-se para outras vidas.

– Na Santa Missa do Mestre Irineu, fundador da doutrina, cantamos hinos para as almas que são muito introspectivos e bonitos – encerra Francisco. 

**Para o Espiritismo,  
a alma passa pelos  
reinos mineral e  
vegetal até chegar  
ao homem**